

**A astrologia nos doze poemas de
“Mar Português”
do livro *Mensagem* de Fernando Pessoa**

PARTE 4

**Signos do Inverno
Capricórnio — Aquário — Peixes**

Vitorino de Sousa

Poema X correspondente ao 10º signo, Capricórnio

Mar Português

*Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!*

*Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem de passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.*

As duas estrofes deste magnífico poema encerram a essência de todo o capítulo central do livro *Mensagem*, composto por estes doze poemas que temos vindo a analisar. De facto, “Mar Português”, além de dar o nome ao capítulo e de codificar a essência espiritual do “descobrimento individual”, guarda ainda a essência dos Descobrimentos, os quais, segundo Fernando Pessoa, e como já dissemos atrás, foram encomendados aos portugueses pelo Divino. Neste sentido, veja-se o que ele diz num texto que intitulou *Princípios de Metafísica Esotérica*:

(...) qual a razão porque este trabalho sai primeiro em português (...)? Porque isso tem de ser assim, dado o grande Destino oculto que Portugal tem de cumprir, continuando o que já cumpriu, aquele destino que o Senhor da Ciência segredou ao Infante D. Henrique em Sagres, para que ele o pusesse em prática.

Neste ponto, convém lembrar que a essência de Capricórnio, 10º signo é, precisamente, a realização de uma obra no cumprimento de uma vocação específica, segredada ou não pelas Altas Instâncias.

As duas estrofes deste poema são o exemplo acabado da polaridade Caranguejo/Capricórnio. Vejamos mais de perto o primeiro polo: sabemos que Caranguejo é o signo da mãe, do filho, do carinho, da disponibilidade, da família e da pátria de origem. E, se nos lembrarmos das suas “pinças”, verificaremos que também gosta de agarrar, isto é, possuir. Além disto, este signo pertence ao elemento Água, o qual tem que ver com emoção, sensibilidade e, portanto, devoção, lágrimas, choro, lamentação, etc. À luz destas palavras-chave, releiamos primeira estrofe e repararemos como ela está embebida do 4º arquétipo do Zodíaco.

*Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!*

O segundo polo é Capricórnio, signo do elemento Terra e, portanto, do destino, da determinação, da paciência, do paulatino vencimento das adversidades até que o cume da montanha seja atingido. Este é o modelo da construção, da forma e da estrutura, as quais, espiritualmente falando, representam a construção, a forma e a estrutura do que nos transcende. Acresce que Capricórnio é o arquétipo do medo, da dúvida, da falta de confiança e de fé. Por isso, Fernando Pessoa começa por fazer uma pergunta capricorniana: *Valeu a pena?* Mas, logo de seguida, dá uma resposta magistral:

*Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.*

Esta segunda estrofe contém a chave do processo de ascensão humana, que implica uma metamorfose interna: largar o lastro instintivo e animal, e alçar-se à condição de indivíduo, de criatura não dividida, não separada da sua origem. Portanto, ao estar não separada, há de estar ligada e ter consciência dessa ligação. Trata-se, ao fim e ao cabo, de um processo alquímico que, não só durante a época medieval, mas, também, ainda hoje (embora em menor escala) era executada através das sucessivas manipulações do chumbo (por sinal, o metal de Saturno, regente de Capricórnio) até se obter ouro – o símbolo espiritual de iluminação, associado astrologicamente ao sol, regente de Leão. Todavia, as transformações que se iam verificando na amálgama dos materiais envolvidos, eram simultâneas às que iam ocorrendo no âmago do alquimista. Obter-se o ouro físico era equivalente a atingir-se a iluminação. Se o manipulador fosse um mero “trabalhador de retortas”, nada conseguiria.

É claro que, mais uma vez, tudo isto surge mascarado com a roupagem das navegações e dos descobrimentos:

*Quem quer passar além do Bojador
Tem de passar além da dor.*

Depois, Pessoa volta a falar do medo, esse filho predileto da vertente negativa de Capricórnio, dizendo, de uma forma maravilhosamente poética, que as coisas não são só o que parecem ser: o medo e a coragem são as duas faces da mesma moeda:

*Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.*

Ou seja, quem quiser um (céu), tem de afrontar o outro (perigo/abismo), pois um e outro são a mesma coisa, aliás como o Taoísmo preconiza há séculos através do entrelaçamento gráfico do Yin e do Yang.

Portanto, na primeira estrofe, temos uma espécie de lamentação de carácter íntimo e patriótico, de quem ficou na praia cheio de saudades e a sofrer por quem partiu (Caranguejo); na segunda, reside um elevado sentido realista de quem partiu (com o coração desfeito, porém indiferente ao choro de quem ficou), sabendo que essa era a sua obrigação e responsabilidade (Capricórnio).

Todavia, enfrentar o *Mostrengo* interno (título do 4º poema/Caranguejo) e descobrir o *longe* que tem dentro de si, só faz sentido para aquele cuja *alma não é pequena*. Esse sabe e sente que *Quem quer passar além do Bojador* não tem outro remédio senão a *passar além da dor*.

* * *

De facto, há que invocar o início do poema – *Ó mar salgado* – e colá-lo no fim dele – *que espelhou o céu* – para ficarmos a saber, por experiência própria, que o que está em baixo tem de “espelhar” o que está em cima.

Ó mar salgado (...) que espelhou o céu

O que está em baixo almeja o que está em cima, porque o que está em cima é o que concebe o que está em baixo. Por outras palavras, o “em cima” e o “em baixo” são dois aspectos da mesma coisa, as duas faces da mesma moeda, vibrando em níveis diferentes, tal como os infravermelhos e os ultravioletas são vibrações extremas da escala cromática. E, assim, de novo nos confrontamos com a questão das polaridades. Por isso, Saturno, regente do signo correspondente a este *Mar Português*, através da sua incomensurável sabedoria, ensina que se vivemos o Alfa de uma área de vida, através de frustrações, bloqueios, contrariedades e sofrimentos, também temos a capacidade de viver o Ómega dessa mesma área de vida, através duma mestria inultrapassável cujos pilares são a serenidade, a maturidade e a segurança.

Poema XI correspondente ao 11º signo, Aquário

A Última Nau

*Levando a bordo El-Rei D. Sebastião,
E erguendo, como um nome, alto o pendão
Do Império,
Foi-se a última nau, ao sol aziago
Erma, e entre os choros de ânsia e de pressago
Mistério.*

*Não voltou mais. A que ilha indescoberta
Aportou? Voltará da sorte incerta
Que teve?
Deus guarda o corpo e a forma do futuro,
Mas Sua luz projecta-o, sonho escuro
E breve.*

*Ah! Quanto mais ao povo a alma falta,
Mais a minha alma atlântica se exalta
E entorna,
E em mim, num mar que não tem tempo ou 'spaço.
Vejo entre a cerração teu vulto baço
Que torna.*

*Não sei a hora, mas sei que há a hora,
Demore-a Deus, chame-lhe a alma embora
Mistério.
Surges ao sol em mim, e a névoa finda:
A mesma, e trazes o pendão ainda
Do Império.*

Neste 11º poema, correspondente ao 11º signo, Aquário, a figura central é um rei. Em nenhum outro texto deste conjunto isto se verifica, tal como não se verifica em nenhum outro verso dos doze poemas de “Mar Português” a ocorrência de um termo tipicamente aquariano – *Deus guarda o corpo e a forma do futuro*. Ora, o termo “rei” equivale a Leão, signo oposto a Aquário!

Neste caso, não se trata, porém, de um rei qualquer; é D. Sebastião, nascido sob o signo de Aquário (20 de Janeiro de 1554), cuja personalidade singular, rebelde e controversa reflete perfeitamente o seu arquétipo solar de nascimento. E por que razão Pessoa encena aqui o desaparecimento de D. Sebastião, rei, símbolo do Sol? Antes de procurar responder a esta pergunta, convém explicar um aspecto técnico da Astrologia:

Cada signo tem o seu regente. Quando, num mapa astrológico, o regente de um signo se encontra colocado no signo oposto, diz-se que está em exílio. Trata-se de uma situação em que a energia está “deslocada”, fora do contexto, “longe” do meio a que pertence. Em decorrência disso, as suas características não podem expressar-se plenamente. No que toca ao eixo Leão/Aquário, a energia em jogo é precisamente a do Sol, porque, ao reger Leão, está, portanto, exilada em Aquário.

É por isso que Leão, dispondo do Sol em regência, tende a brilhar para seu próprio gosto e proveito, enquanto Aquário, recebendo o exílio do Sol, tem um carácter mais associativo, grupal e fraternal, onde o ego não joga um papel tão preponderante¹. Portanto, neste eixo de signos astrológicos, as posições e interesses meramente pessoais (Sol/Leão) “exilam-se” e colocam-se ao serviço fraternal da comunidade.

Por conseguinte, podemos interpretar a decisão de D. Sebastião se envolver na desastrada aventura de Alcácer Quibir (1578), como uma situação onde as qualidades e os atributos do rei estavam “exiladas”: o sol (rei), símbolo do plano individual, decide em função do colectivo (a expansão do império colonial). Assim, este Sol afastou-se, arrefeceu, apagou-se e, porque a coisa correu mal, acabou por desaparecer. Pessoa reconhece-o quando, na primeira estrofe, adjectiva de *aziago* (agoirento, nefasto) o Sol que iluminava as frota real no dia da partida.

No entanto, existe uma ideia estranha neste poema: que razão leva Fernando Pessoa a considerar a nau onde embarcou de D. Sebastião, no ano de 1578, como a *última*? As navegações portuguesas, embora já longe da dimensão que tinham adquirido no século anterior, não acabaram naquela viagem a Marrocos. Dez anos depois, em 1588, já sob o domínio de Filipe II, de Espanha, a participação portuguesa na Armada Invencível contra a frota de Isabel I, de Inglaterra, desferiria um sério golpe no que já entrara em decadência. Assim sendo, por quê *última nau*? Arriscamos a seguinte interpretação, fora do contexto das navegações:

O 11º signo, Aquário, antecede aquele ao qual está associada a dissolução final (Peixes). Assim, Aquário pode ser entendido como a última oportunidade de iluminação, antes da saída deste mundo. Dito de outra forma, o Sol, por estar em exílio em Aquário (do lado oposto do seu “trono” em Leão), tem como atribuição fundamental reconhecer-se não como um *self made man*, mas como uma criação dos poderes superiores. Portanto, uma vez chegado ao penúltimo degrau, restam-lhe poucas opções. A mais sábia será enveredar pelo

¹ Assim deveria ser, mas infelizmente não é.

caminho da Liberdade, Igualdade, Fraternidade (Aquário/11)² e, a seguir, fundir-se com o Todo (Peixes/12).

É o que parece ter ocorrido na evolução espiritual de Fernando Pessoa, já que, na última estrofe, diz: *Surges ao sol em mim, e a névoa finda*. Ou seja, tudo fica claro quando desaparece a confusão que caracteriza quem ainda está preso às ilusões do mundo.

Trata-se, evidentemente, de uma questão que só ao poeta diz respeito. Tanto assim que, inesperadamente, Pessoa põe o verbo na primeira pessoa, como se enaltescesse o que há de voltar numa manhã de nevoeiro (símbolo da bruma que domina o coração dos homens), com o intuito de despertar a humanidade. E acrescenta, reforçando:

*(...) e trazes o pendão ainda
Do Império.*

Esta é, decerto, uma referência ao V Império. A palavra *ainda* é importantíssima aqui: apesar da longa espera devido à loucura dos homens, *ainda* prevalece o *pendão* supremo *do Império*! Ou seja, do Reino do Espírito Santo. O mesmo é dizer do reino da Mãe/Deusa, que compreende, aceita, acarinha, protege, apoia e orienta.

Fernando Pessoa decerto suspeita que está muito perto de grande iniciação. E, apesar de viver numa sociedade maioritariamente composta por gente “adormecida”, está confiante. Por isso diz:

*Ah! Quanto mais ao povo a alma falta,
Mais a minha alma atlântica se exalta*

É por causa desta “exaltação” que o poema final desta série (correspondente ao devocional signo de Peixes que encerra o Zodíaco), se chama *Prece*!

* * *

Convidamos agora o leitor a tentar fazer um verso com as primeiras e as últimas palavras deste poema.

Levando a bordo El-Rei D. Sebastião (...) Do Império.

Seja qual for a análise tentada, nenhuma faz muito sentido... tal como não faz muito sentido o episódio histórico que esta *Última Nau* aborda. É estranho que assim seja? Talvez! Mas esta exceção à regra não haverá de causar admiração. Lembremo-nos que estamos a navegar nos reinos de Aquário e do seu surpreendente e imprevisível Urano!

² Urano, regente de Aquário, foi descoberto no sistema solar no ano de 1791, oito anos antes do início da Revolução Francesa, cujo “grito de guerra” era precisamente: Liberdade, Igualdade, Fraternidade.

Poema XII correspondente ao 12º signo, Peixes

Prece

*Senhor, a noite veio e a alma é vil.
Tanta foi a tormenta e a vontade!
Restam-nos hoje, no silêncio hostil,
O mar universal e a saudade.*

*Mas a chama, que a vida em nós criou,
Se ainda há vida ainda não é finda.
O frio morto em cinzas a ocultou:
A mão do vento pode erguê-la ainda.*

*Dá o sopro, a aragem – ou desgraça ou ânsia -
Com que a chama do esforço se remoça,
E outra vez conquistemos a Distância -
Do mar ou outra, mas que seja nossa!*

O paralelismo deste último poema com o último signo zodiacal, começa logo no título. *Prece* é sinónimo de oração, o que pressupõe ligação, reverência e reconhecimento do plano divino, ou, no mínimo, uma ânsia de contacto com ele. Essa é a “atitude” do arquétipo pisciano. Como Peixes vive com saudades do divino, é-lhe difícil lidar com as crueldades e violências do mundo físico. Tende, assim, a retirar-se para o claustro, para o mosteiro ou convento, ou tão só para dentro de si mesmo, para reatar os laços com as dimensões transcendentais.

Porém, por falta de maturidade, essa fuga poderá ocorrer, ou para dentro de um mundo de fantasias cor de rosa e repleto de ilusões, irrealismo, fantasias, drogas, etc., ou por via da doença e do autossacrifício. Torna-se, então, num ser desamparado onde, muitas vezes, impera a chantagem emocional e a autopiedade.

Este poema tem três estrofes, e cada uma delas refere os três planos do Tempo:

A primeira estrofe aborda o Passado:

*Senhor, a noite veio e a alma é vil
Tanta foi a tormenta e a vontade!*

Todavia, a forma como decorreram as coisas no passado condiciona a forma como estamos no Presente:

*Restam-nos hoje, no silêncio hostil
O mar universal e a saudade.*

A esperança no futuro, porém, não pode morrer:

*Mas a chama, que a vida em nós criou
Se ainda há vida ainda não é finda.*

Nesta segunda estrofe, Pessoa volta a referir o Divino como essência do Presente:

*O frio morto em cinzas a ocultou:
A mão do vento pode erguê-la ainda.*

Esta constatação introduz a terceira estrofe, onde se fala do Futuro.

*Dá o sopro, a aragem – ou desgraça ou ânsia –
Com que a chama do esforço se remoça*

Esta evidência abre as portas para futuras realizações e gera a determinação para percorrer outro plano da espiral evolutiva:

*E outra vez conquistemos a Distância
Do mar ou outra, mas que seja nossa!*

Estas três estrofes também referem claramente aos quatro elementos. Relendo a primeira estrofe (Passado) deste poema que está associado um signo de água (Peixes), nota-se como é claro este elemento, quanto mais não seja pelo tom lamentoso e emocional:

*Senhor, a noite veio e a alma é vil.
Tanta foi a tormenta e a vontade!
Restam-nos hoje, no silêncio hostil,
O mar universal e a saudade.*

Porém, como o elemento Terra é harmônico com o elemento Água (a Terra confina, segura e dá forma à Água, enquanto a Água, fertiliza, embebe e amacia a Terra), reconhecemos o Elemento Terra no termo *Restam-nos*, que remete para o deve/haver, característico daquele elemento. A associação de *tormento* e *hostil* com a Terra fica mais clara sabendo que este elemento representa os “tormentos” inerentes à densificação máxima da energia

(materialização), bem como a “hostilidade” dos desafios inerentes a essa situação.

A segunda estrofe (Presente) contém a referência aos outros dois elementos (Fogo e Ar), cuja ação centrífuga tende a dirigir a energia para fora e para cima. Também eles são naturalmente harmônicos entre si, já que o Fogo aquece e faz movimentar o Ar, enquanto o Ar atiça e vivifica o Fogo. O terceiro verso desta segunda estrofe:

O frio morto em cinzas a ocultou

refere particularmente a ausência deles: *Frio* e *cinzas* para o elemento Fogo; *morto* para o Ar. Se o leitor estranhar a associação do elemento Ar com *morto*, experiente deixar de respirar por uns minutos!

Finalmente, como se de um crescendo se tratasse, a terceira estrofe, relacionada com o futuro, refere os quatro elementos, associados na sua relação harmônica (Ar/Fogo e Terra/Água). Nos dois versos iniciais reconhecem-se o Ar e o Fogo:

*Dá o sopro, a aragem – ou desgraça ou ânsia
Com que a chama do esforço se remoça,*

Nos dois versos finais ressalta o poder da Terra e a posse da Água:

*E outra vez conquistemos a Distância
Do mar ou outra, mas que seja nossa!*

Resta acrescentar uma curiosidade final (diria sincronicidade!), relacionada com esta questão da passagem de um ciclo/estado para outro, que caracteriza a iniciação espiritual – a qual teve uma presença persistente ao longo deste trabalho. Trata-se da circunstância de *Prece* ter sido escrito na passagem do dia 31 de Dezembro de 1921 para o dia 1 de Janeiro de 1922!

Novo ano, vida nova! Encetar uma vida nova significa, neste caso, repescar a palavra que inicia este poema – *Senhor* – e as que o concluem – *que seja nossa* – para pedir:

Senhor (...) que seja nossa... a Tua vontade!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Creemos que ficou claro o facto de este conjunto de poemas se referir a outro tipo de viagens, que não só aquelas que os navegadores portugueses empreenderam por “mares nunca antes navegados”. Enquanto seres espirituais em evolução, cada um de nós encarna periodicamente neste planeta para que, enquanto *Infante* (I) possa empreender uma expedição aos seus mares internos, desconhecidos e amedrontadores, onde reina um *Mostrengo* (IV) que adora agigantar-se, mas cuja descoberta e conhecimento garante uma *Ascensão* (IX).

E porque não importa o que, por ter sido transcendido, ficou para trás, sente-se um impulso de lavar um *Epitáfio* (VIII) em sua homenagem e lembrança. Internamente, o Peregrino que existe em cada um de nós, deve afrontar um novo *Horizonte* (II) navegando para *Ocidente* (VII) e, com orgulho, deixar um *Padrão* (III) em cada novo território que vai desvelando. Um dia, inevitavelmente, construirá, aparelhará e embarcará na sua *Última Nau* (XI).

E, quando estiver à beira do fim do seu tempo, decerto vai querer encomendar-se a Deus através de uma *Prece* (XII). Depois, desejará desencarnar em paz e tranquilidade para renascer num tempo e locais propícios. Por se tratar um empreendimento solitário, não há *Colombos* (VI) que nos valham!

Ao fim e ao cabo, ambas as viagens, quer as empreendidas ao mundo da matéria sólida e líquida (Terra e Água), quer as realizadas ao mundo da matéria subtil da vontade e da mente (Fogo e Ar), simbolizam a semente (I) e o fruto (XII) da Evolução:

(I): *Deus quer, o homem sonha, a obra nasce*

(XII): *... conquistemos a Distância / Do mar ou outra, mas que seja nossa!*

Foi por isso que escolhemos para epígrafe deste pequeno trabalho, dois versos de Pessoa, os quais, por nos parecer oportuno, relembramos aqui:

*Que as forças cegas se domem
Pela visão que a alma tem!*

Vitorino de Sousa

Verão de 1998

Inverno de 2017

Primavera de 2019